

## Reflexões sobre a Bienal Latino-americana de Joalheria Contemporânea

Uma brasileira na Bienal de 2018

Ana Passos\*

Costumo invadir ateliês para conhecer as formas de trabalho de artistas sempre que possível. Presenciar a II Bienal Latino-americana de Joalheria Contemporânea e participar das II Jornadas de Reflexão sobre a Joalheria Contemporânea – contexto, comunicação, compromisso – foi uma experiência única. Foi uma nova forma de invasão, de rompimento de barreiras e de avançar sobre fronteiras pouco conhecidas.

Os temas das duas primeiras Bienais foram Pontes (2016) e Vizinhos (2018). Nada mais justo, visto que bienais servem para colocar em relação o público, a produção recente e os artistas que de outra forma estariam isolados e dispersos, embora vizinhos de bairro, de país, de fazeres. Nada mais adequado, já que a sustentabilidade da joalheria contemporânea tem a ver com a aproximação com o público, o que foi conquistado com o trabalho irrepreensível da organização – Joyeros Argentinos e Museo de Arte Popular José Hernández.

Uma agenda de mais de três meses de eventos paralelos permitiu que a Bienal de 2018 chegasse a diferentes regiões de Buenos Aires e a diferentes assistências, por sua localização e pela extensão do tempo de exibição. Ficou clara a vivacidade e o comprometimento da comunidade de artistas joalheiros. Foram criadas pontes sobre fronteiras sempre artificiais, mas que a joia é capaz de vencer. Além disso, foi revelado um pouco do que aproxima e do que diferencia esses vizinhos latino-americanos, um conceito sempre em construção. De alguma forma, foi mesmo uma grande invasão para conhecer todo um universo de que eu tinha conhecimento, mas no qual nunca havia mergulhado.

Do primeiro evento participaram 70 artistas joalheiros. Do segundo, 123. Em todos os trabalhos, e aqui me debruço sobre o catálogo da primeira edição também, a dimensão do corpo acaba nos colocando em contato com a dimensão humana. Essa é uma potência dos adornos que vão para o mundo dispostos sobre os corpos. As peças selecionadas também nos colocam frente a uma grande maestria na execução e a uma diversidade de materiais, formas, tipologias e conceitos raramente vista. Mérito do comitê de seleção e de premiação cujo trabalho criterioso nos presenteou com um excelente conjunto da atual joalheria contemporânea da América Latina. Espero ver cada vez mais países representados com o passar das edições, já que as dimensões da região sempre acabam dificultando o trânsito.

Numa nota pessoal, eu havia acabado de defender minha tese e tanto a Bienal quanto as Jornadas e os eventos de que tive a oportunidade de participar corroboraram a amplitude do significado das joias, em especial da joia contemporânea. Outro conceito igualmente presente é o de latino-americanidade. Somos diversos, complexos, gigantes, incontíveis e globais. Talvez não seja necessário explicá-lo. Podemos solicitar às joias que nos ajudem a sentir e intuir essa identidade. Elas são objetos culturais capazes de assumir esse desafio, se nos permitirmos o tempo longo da fruição e se nos debruçarmos sobre elas para que não escape nenhum detalhe, inclusive interessantes paradoxos. Um deles é o fato de que a joia, mesmo ao tratar de temas dolorosos, e dores não nos faltam, sempre nos leva para um lugar de afetos, em sua dimensão corpórea e humana. O outro é a certeza de que a colonialidade faz inexoravelmente parte de

nossa identidade e que a criação de uma bienal latino-americana é um passo importante para nos percebermos parte de um cenário global. O tempo lento da apreciação, contemplação, reflexão e trocas propiciadas pelo evento pode permitir o surgimento de novas estratégias criativas e expositivas, novas formas de estar no mundo sendo latino-americano.

Agora, mais do que nunca, precisamos abrir alas para todas as possibilidades estéticas e discursivas que essa joalheria contemporânea nos oferece. Afortunadamente, esse é o tema da nova edição que será realizada ainda em 2020: *Abran cancha* ou Abram alas, numa tradução bastante livre.

Revendo os catálogos, que hoje já são preciosos registros históricos, é possível apreciar quanta diversidade e quanta poesia o evento reúne. Trabalhar com temas é desafiador para os artistas, porém o resultado quase sempre é muito instigante. Esse tipo de encontro traz crescimento individual e coletivo. Fortalece identidades. Estabelece diálogos profícuos. Resulta em novos campos de investigação. Aguardarei com curiosidade a produção dos artistas joalheiros para a Bienal de 2020.

A Bienal nos dá acesso a essa produção, permite construir significados e conhecimento, contribui para a formação de público para a joia contemporânea, estimula o intercâmbio de saberes entre artistas e abre espaço para formas de comercialização e colecionismo ainda incipientes na região. Vida longa!

P.S. Esse texto foi escrito quando mal sabíamos o que estava por vir. O distanciamento social que se impôs desde então tornou ainda mais importante recordar os encontros possibilitados pela Bienal e desejar que voltemos a nos reunir em breve. Em um mundo que se fez virtual repentinamente sentimos falta do toque, mas nossas imagens ainda se expressam em telas iluminadas, onde o adorno corporal pode se tornar ainda mais repleto de significados que comuniquem nossos desejos, medos e sonhos, que determinem nossa identidade como indivíduos, como grupos e até mesmo como continente.

---

Ana Passos é joalheira, pesquisadora e escritora. Começou seus estudos de ourivesaria e história da joalheria ocidental em 1987, com Marcio Mattar e com Caio e Paula Mourão, no Rio de Janeiro. Em seu atelier, dedica-se à criação, renovação e restauração de joias. Também desenvolve alguns projetos de joalheria contemporânea e mantém grupos de estudos sobre história, criação autoral, cultura maker e negócios. É doutora em Educação, Arte e História da Cultura pela Mackenzie, com a tese *De matéria a afeto: a construção do significado da joia*, defendida em 2018. É autora dos livros *As joias de Reny Golcman* e *Jóias na Bahia dos séculos XVIII e XIX*. Manteve um blog sobre joalheria entre 2009 e 2014. Pensa seriamente em voltar a escrever diariamente sobre joias e publicar mais livros. Ela coleciona avidamente gemas e pedras e as inclui com frequência em seu trabalho. Nasceu na Bahia, cresceu no Rio de Janeiro, hoje vive e trabalha em São Paulo. Tem sonhado com viagens, conversas e abraços frequentemente.